

APRESENTAÇÃO

O conjunto de artigos agora divulgados nasceu do projecto *História Social da Industrialização Portuguesa*, por mim dirigido no ICS desde 1984¹. Inicialmente havia-se previsto que os textos saíam num número especial do *Boletim de Estudos Operários*, mas, tendo-se alargado o seu número e extensão, considerou-se preferível incluí-los na *Análise Social*, capaz de chegar a um público mais vasto. Além dos trabalhos de investigação, o projecto incluía a criação de um arquivo e a publicação de catálogos e inventários temáticos. Dado o estado, infelizmente caótico, dos arquivos portugueses, pensou-se que seria útil ir recolhendo documentação em riscos de se perder — relatórios de companhias, actas de sindicatos, iconografia fabril — que os investigadores fossem encontrando no decurso dos seus trabalhos. Ao tomar esta iniciativa, o ICS entendeu fazê-lo de modo aberto, isto é, associando individualidades e instituições de diversos meios, académicos, culturais e económicos. Em diversos momentos e modalidades, o ICS recebeu apoios que aqui merecidamente se registam: Inapa, Rank Xerox, Construtora do Tâmega, Ilídio Monteiro, RAR, Caixa Geral de Depósitos, Fundações Gulbenkian e Eugénio de Almeida e JNICT.

Embora não resultassem de um plano integrado, os artigos tiveram uma inspiração comum e um mesmo enquadramento institucional. Houve, no entanto, uma excepção, o artigo de J. Félix Ribeiro, Lino Fernandes e M. M. Carreira Ramos, «Grande indústria, banca e grupos financeiros, 1953-73», que já se encontrava parcialmente elaborado, tendo sido agora reformulado para a publicação. No caso do artigo de Jaime Reis e Hélder Fonseca, o apoio da Fundação Eugénio de Almeida — condicionado, como estava, à elaboração de estudos alentejanos — constituiu um estímulo adicional a investigações em curso.

Em «Capitalistas e industriais (1870-1914)» procurei apresentar uma introdução, necessariamente provisória, ao estudo da formação da pri-

¹ Ver Maria Filomena Mónica, *Artesãos e Operários, Indústria, Capitalismo e Classe Operária em Portugal (1870-1934)*, Lisboa, ICS 1986, e os seguintes números de *Cadernos e Documentos I.C.S.*: M. Fátima Bonifácio, *Industrialização Oitocentista e Concorrência Externa* (n.º 2), M. F. Mónica (org.), *Os Vidreiros da Marinha Grande — Actas Sindicais (1919-45)* (n.º 5), M. F. Mónica (org.), *Poemas Operários* (n.º 7), M. F. Mónica e M. Goretti Matias (orgs.), *Manuel Luís de Figueiredo, Um Socialista Ignorado* (n.º 14), A. Ventura (org.), *Os Corticeiros de Portalegre — Actas Sindicais (1910-1920)* (n.º 15), e P. Guimarães, *Indústria, Mineiros e Sindicatos — Universos Operários do Baixo Alentejo: dos finais do Século XIX à Primeira Metade do Século XX*. Os vários números do *Boletim de Estudos Operários* contêm muitos elementos sobre a industrialização portuguesa e o movimento operário.

meira geração industrial em Portugal. Os segundo e terceiro artigos são de índole monográfica: o de J. Reis e H. Fonseca, «José Maria Eugénio de Almeida, um capitalista da Regeneração», relata a vida, a estratégia empresarial e o quotidiano de um grande lavrador alentejano no período que vai do cabralismo à década de 1870; o de M. Fátima Patriarca, «O triângulo corporativo, acta e encenação de um despacho salarial (1946-47)», analisa as relações existentes entre o Estado Novo, industriais e sindicatos têxteis no imediato pós-guerra.

O objectivo central deste projecto era a análise da «burguesia», um grupo frequentemente descrito como um bloco abstracto, pairando, monolítico, no firmamento da luta de classes, paradoxalmente uno e fraccionado, forte e fraco, perspicaz e ignorante. A imagem do industrial português como um «*parvenu* pretencioso e ridículo» ou o estereótipo do capitalista agrário como um ser retrógrado solidamente instalado no seu imobilismo não resistem à verificação empírica. Não custa a crer que José Maria Eugénio de Almeida fosse um caso à parte, como aliás o prova o próprio facto, raro, de ter deixado um espólio bem organizado e acessível aos investigadores. É ainda possível que José Pedro Colares só falasse por uma minoria de industriais esclarecidos. Mas, se nem todos se comportavam como estes dois burgueses exemplares, tão-pouco se aproximavam da caricatura que deles nos deixaram os intelectuais seus contemporâneos, imagem que a historiografia posterior tendeu a aceitar acriticamente. Saltando décadas, vamos, por fim, encontrar alguns donos de fábricas têxteis do Norte envolvidos numa delicada negociação salarial, em 1946-47. A partir de uma valiosa fonte inédita, o artigo ilustra a complexa relação que se estabeleceu entre o poder salazarista e a classe patronal: com o condicionamento industrial viria uma interferência estatal, de raiz paternalista, que os patrões nem sempre viram com bons olhos. A esta primeira incursão no domínio dos estudos empresariais outros trabalhos se seguirão, de forma a permitir-nos compreender melhor o processo de modernização da sociedade portuguesa.

Maria Filomena Mónica